

listas a que ela já não satisfazia, era gritantemente denunciada pela rutura do conformismo do aparelho militar. Nessa rutura, impulsionada pela vanguarda pequeno-burguesa, a imprensa teve papel relevante e positivo, quaisquer fossem os aspectos negativos factuais que surgissem, como surgiram, aqui e ali. O que se anunciava, no fim de contas, era o próximo fim de uma estrutura política obsoleta; esse fim não poderia ser alcançado por via eleitoral, porque tal saída estava fechada pela natureza mesma da dominação daquela estrutura: só poderia ser alcançado pela violência, no caso a violência militar pequeno-burguesa.

A 3 de julho de 1922, *O Imparcial* aparecia com ameaça claríssima: “O Marechal continua com a espada desembainhada. O poder pessoal mais arbitrário e violento só transige, só cede, só se contém diante da força material”. E o *Correio da Manhã* comentava assim o fechamento do Clube Militar: “Torna-se alarmante, não porque o Governo fosse capaz de o praticar, mas como a classe o pudesse, como pôde, aceitar. As ligas de carroceiros e estivadores costumam agir de outra maneira, quando os comissários de polícia penetram em suas sedes”. Era o incitamento claro à rebeldia, à resistência pela força. A 5 de julho, rebelavam-se o forte de Copacabana e a Escola Militar; o movimento foi rapidamente sufocado, mas deixou rastilho para os que se sucederiam. A repressão à imprensa não se fez esperar: “A messe de prisões foi larga. Militares pertencentes às guarnições sublevadas ou participantes da campanha de agitação, jornalistas, inclusive Edmundo Bittencourt, vagos políticos sem mandato e, portanto, sem imunidades, foram para detrás das grades, e nelas permaneceram durante o arrastado processo que se instalou”<sup>(292)</sup>. O reconhecimento do papel da imprensa na mobilização da rebeldia militar foi feito por Raul Soares, em discurso que pronunciou na Câmara: “Façamos o processo desse episódio para castigar os seus autores, que não são tanto oficiais e praças colhidos na sua boa-fé e simplicidade, nem mesmo pobres energúmenos, hipnotizados por artigos e discursos, com uma tal ou qual atenuante na sua sinceridade enferma. É preciso apontar à nação os verdadeiros criadores desse estado de coisas, os técnicos da agitação, os que compuseram, dispuseram e utilizaram as forças de desagregação e revolta, os que desencadearam os elementos de anarquia, os que intoxicaram o ambiente dos gases malsãos da calúnia mais depuradora e das injúrias mais torpes. . . Esses é que devem ser denunciados à opinião pública e punidos até onde permitam as nossas leis”.

A situação, para a imprensa oposicionista, ficou tão difícil que as

(292) Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., pág. 1075, II.